

CARACTERÍSTICAS DOS EPIGRAMAS DE HENRIQUE CAIADO

Prof. Me. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro
(UERJ/ Seminário São José de Niterói)

RESUMO

O epigrama sempre esteve presente em todos os períodos da literatura grega, sobretudo, no período helenístico no qual mais se destacou. Apresentaremos a seguir todas as características do epigrama com comentários, bem como dois epigramas do poeta renascentista, Henrique Caiado, com as suas respectivas traduções e análises.

Palavras-chave: Características, epigramas, Caiado, período helenístico, literatura grega.

O epigrama foi cultivado pelos eruditos¹ não só no período helenístico como também em outras épocas nas quais ele foi adotado como gênero poético e teve como características:

- 1) a preferência pela brevidade dos versos² e pelos arcaísmos;
- 2) a elaboração e seleção de um léxico simetricamente localizado no verso;
- 3) um caráter inovador³;
- 4) ser um jogo lúdico, sugerindo⁴ ao leitor diversas leituras e interpretações como um desafio pelo qual tudo é possível;
- 5) exibir um conhecimento do passado literário ou mítico;
- 6) ser um reflexo do progresso das ciências naturais, da matemática, da filologia, da história e da literatura da época⁵;
- 7) caráter gnômico de cunho moralizante;
- 8) a interpelação do transeunte⁶, do viajante. Este constitui o público do epigrama e cuja atenção está assim atraída.
- 9) apresenta raramente uma natureza impessoal ou atemporal: o epigrama⁷ é de circunstância e se insere na rede de relações sociais.

Observemos os dois epigramas abaixo selecionados e encontraremos neles, sem dificuldades, algumas dessas características retratadas por mim⁸:

*Ex Graeca Historia
Epigramma XIII*

*Mars erat ad muros urbis, quo foemina misit
Bellatum ventris pignora quinque fui:
Eventum pugnae desiderat, ecce roganti*

Quidam ait , extinctos morte jacere suos.
 Ad quem: Non hoc, non hoc, ignavissime, quaero,
 Sed quo summa loco sit sita res patriae?
 Est patriae Victoria, ait: laetatur, & inquit:
 Non doleo, natos sic cecidisse meos.
 SOBRE A HISTÓRIA GREGA.
 EPIGRAMA XIII.⁹

Marte¹⁰ estava aos muros da cidade para onde uma mulher enviou
 para guerrear cinco penhores¹¹ de seu ventre:
 O resultado do combate /ela/ deseja, eis que certo /homem/ para a que roga
 diz /que/ jazem os seus extintos pela morte.
 A ele: Isto não, isto não, peço-/te/, ó covardíssimo,
 mas, em que lugar mais elevado tenha sido colocado o acontecimento da
 pátria?”
 existe a vitória da pátria, diz: /ela/ se alegre e diz:
 Assim, não lamento /que/ os meus /filhos/ nascidos tenham morrido.

Ad Janum Lucam

Epigramma XIV

Quod mitto, noli metiri munus: at ipsum
 Quo mitto, introrsum perspice, Jane, animum.
 Nam meritis ut digna tuis quis munera mittat,
 Divitias Croesi mittet, & ille Mydae.

A JANO LUCAS.

EPIGRAMA XIV.¹²

Não avalies o presente que envio; mas,
 para onde envio o mesmo, no /seu/ interior, examina com cuidado a alma,
 Jano.
 para que, de fato, por causa dos teus méritos alguém /te/ envie dignos
 presentes, Divícias de Creso¹³ e de Midas¹⁴ ele enviar-/te/-á.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTONIO, Nicolau. *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1783. Tomo I.

BALAVOINE, Claudie. *Les Églogues D' Henrique Caiado ou L'Humanisme Portugais a La Conquete de La Poesie Neo-Latine*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

BATAILLON, Marcel. *Études Sur le Portugal au Temps de L'Humanisme*. Paris: Acta Universitatis Conimbricensis, 1952.

ERASMO. *Opera Omnia*. Leyde, Tomo II: *Adagia*, Chi. IV. Cent. VIII, ad. II: *Vinaria angina*.

FAVARO, A. *Atti Instituto Veneto*, S.5, T.6, Venise, 1879-1880.

GONÇALVES, Rebêlo. *Filologia e Literatura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

LOPES, Oscar & SARAIVA, Antonio José. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, LTDA.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*, Lisbonne, 1933. Tomo II.

MONTEIRO, Emanuel. *Vita Hermici Cayado iure consulti Ulyssiponensis*. In *Corpus Illustrium Lusitanorum qui latine scripserunt*. Tomo I, Lisbonne, 1745.

MUSTARD, Wilfred. *The Eclogues of Henrique Cayado*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1931.

RAMOS, Feliciano. *História da Literatura Portuguesa*. Braga: Livraria Cruz, 1967.

RESENDE, André de. *Oratio pro rostris*, Lisbonne, 1534.

ROSA, Tomás da. *As Éclogas de Henrique Caiado*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.

SAUVAGE, Odette. *L'itinéraire érasmien d'Andre de Resende*. Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1971.

TANNUS, Carlos Antonio Kalil. *Um olhar sobre a Literatura Novilatina em Portugal*. In: Revista Calíope – Presença Clássica. Número 16, Rio de Janeiro: UFRJ, Dez/2007.

NOTAS

¹ Essa poesia cultivada, no século III a.C. do período alexandrino, era dirigida a um público seletivo de letrados, visto que a poesia assim elaborada era pela sua própria natureza uma criação da erudição da época.

² Podemos muitas vezes associar o epigrama em seu conceito estético de poesia

curta, a qual deve ser parcimoniosa e extremamente concisa à sua significação ampla e imbuída de inúmeras interpretações e significações. René Martin e Jacques Gaillard, em *Les genres littéraires à Rome*, na página 154, caracterizam o epigrama como breve e assim tem de ser uma inscrição funerária ou votiva com um texto curto e conciso.

³ Esse caráter inovador pode ser destacado seja na métrica, seja na forma, seja em seu aspecto sonoro ou na sua sintaxe.

⁴ Jean- Paul Brisson já dizia, nas páginas 85 e 86, em seu livro *Virgile son temps et le nôtre*, que os adeptos dos alexandrinos se preocupavam com a impressão, com o detalhe e com o desenvolvimento de um tema. Também havia a preocupação do poeta epigramático com a sugestão e não com a explicação do poema. Também lembremo-nos da afirmação de Claudie Balavoine, em *Les Éclogues D'Henrique Caiado*, página 18, quando ela diz que Henrique Caiado em suas obras apresenta uma linguagem muitas vezes enigmática, porém, decodificável, como podemos perceber no epigrama no. 6. Ela também diz, na página 29, que a alegoria, no sentido etimológico do termo, oferece a quem entende o duplo prazer da mudança de hábitos e do deciframento. Porém, com o passar do tempo, a alegoria pode correr o risco de se tornar letra “morta” para as gerações futuras, pois perdem-se o contexto e o escopo do texto. Contudo, o público do século XV de Caiado se satisfazia no entendimento dessas alusões codificadas, como acontecia no tempo de Boccace e de Petrarca e Caiado participava em suas poesias ativamente desse jogo. Cf. p. 28.

⁵ O epigrama bem como a poesia alexandrina foram reflexos também da política, da cultura e da sociedade da época.

⁶ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 154.

⁷ MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. Op. cit., p. 155.

⁸ Todas as traduções são de minha autoria e tento torná-la mais poética com a sua sonoridade característica.

⁹ **Epigrama XIII:** Literário. O epigrama em questão diz respeito à história grega com suas guerras e consequências: Marte estava aos muros da cidade para onde uma mulher enviou cinco de seus filhos para o combate. Ocorrem muitos óbitos e seus filhos não sobrevivem na guerra, contudo para a vitória da pátria não há lamentos e arrependimentos, pois o relevante é a honra, a virtude e a coragem de seus guerreiros a fim de conquistar mais despojos e territórios para a pátria.

¹⁰ Rever nota 283.

¹¹ Há um sentido metafórico, isto é, ela teve cinco filhos.

¹² **Epigrama XIV:** Moral. Dedicado a Jano Lucas. O epigrama afirma, logo no início, que Jano Lucas não deve avaliar os presentes, nem as aparências, porém faz-se necessário examinar o interior de sua alma, desta maneira Jano Lucas por causa de seus merecimentos receberá dignos e valiosos presentes enviados de Creso a Midas.

¹³ Creso era rei da Lídia, homem muito opulento.

¹⁴ Midas era rei da Frígia e também possuía muitas riquezas.

LÉSBIA E CATULO

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva (UERJ)

(Um preito a Junito Brandão)

RESUMO

Os poetas e prosadores latinos assimilaram bem a lição grega. No entanto, a literatura latina, mesmo caudatária da grega, nesse procedimento de assimilação, não é subserviente, e muito menos se deve falar em cópia. Só havia plágio, se a imitação fosse da mesma fonte pela segunda vez sem nenhuma criatividade. Roma, como herdeira dos temas gregos, imitou criando. Transplantou para o latim recursos poéticos gregos. Não é uma tradução simplesmente. Mas é uma ação de levar para além: trans-ducere.

Quanto ao tema do amor, o lirismo latino não é muito extenso, porque são poucos os poetas e também alguns, como Horácio e Ovídio, se aplicaram a outros assuntos também. Os modelos gregos dos latinos foram Safo, Alceu, Anacreonte, Arquíloco e até Píndaro.

Caio Valério Catulo (I a.C.) apresenta uma parte de poesias como expressões intimamente pessoais, longe das agitações sociais de Roma. Para não tornar pública a vida de Clódia, sua amante – mas esposa de político importante, Catulo aplicou-lhe o pseudônimo de Lésbia nos seus poemas.

Palavras-chave: lirismo; os modelos gregos; Catulo.

1 - Introdução

Catulo, Caius Valerius Catullus (87 – 57 a. C.), nasceu em Verona e conheceu Roma a partir de 62. Logo teve acesso à alta roda social: Cícero, Asínio Polião e outros. Imortalizou a sua amada Clódia, através do pseudônimo Lésbia, para ocultá-la socialmente, já que ela era esposa do cônsul Q. Metelo Céler. A irmã de P. Clódio, um patricio¹ da gens Cláudia, notório pela sua violência e devassidão, era célebre como mulher de muitos, ambos eram inimigo de Cícero.

Só chegou a nossos dias 116 poemas, na edição *Les Belles Lettres* a coletânea se denomina *Catulli Veronensis Liber; O Livro de Catulo Veronense*. Do poema 1 ao 60 lemos poemas em metros variados; de 61 a 68, poemas de maior extensão e de 69 a 116, epigramas e dísticos elegíacos. O Poeta integrou o grupo de poetas latinos que tiraram sua inspiração dos alexandrinos gregos dos séculos (IV já no fim), III e II a.C., principalmente Calímaco de Cirene (310 – 240 a.C.), que defendeu a poesia curta e sempre argumentou que um livro grande seria um grande mal; Calímaco desacreditou do relato lendário homérico, buscando motivo poético na crença local.

Catulo assimilou bem a lição grega. No entanto, mesmo sua inspiração caudatária da grega, nesse procedimento de assimilação, não é subserviente, e muito menos se deve falar em cópia. Só havia plágio, se a imitação fosse da mesma